

SÓ



derbi

O portal de bugrinos
& pontepretanos

ESPECIAL

**40 anos
de uma
conquista
dourada**



Careca, o menino de 17 anos que assegurou a taça e depois viajou pelo planeta

Página 03

Zenon e Renato: Uma dupla de magia e eficiência no meio-campo. Eternizados pela história

Páginas 04 e 05

Números e curiosidades de uma campanha marcante, mágica e histórica

Página 07

Editorial

Em 1978, o Brasil pedia anistia geral e irrestrita, as novelas da Rede Globo arrebatavam multidões e o Regime Militar dava seus primeiros sinais de desgaste, apesar da austeridade de Ernesto Geisel.

No futebol, o capitão Cláudio Coutinho utilizava a ciência a serviço do futebol. Adotou um futebol pragmático na tentativa de conquista da Copa do Mundo da Argentina. Fracassou.

No meio desta frustração, surgiu um time de garotos, comandados por um técnico mineiro sedento por um lugar ao sol. Este time estava em uma cidade que na época sequer tinha 600 mil habitantes e ainda tinha costumes interioranos.

Isso não impediu o aparecimento de um futebol alegre, moderno, ofensivo, destemido e com jogadores de alta qualidade técnica.

Alguns com nomes presentes no nosso cotidiano como Renato ou Zé Carlos. Mas Capitão, Careca, Bozó e Zenon não pareciam familiares aos brasileiros.

Seus gols trataram de conquistar a opinião pública e montar uma escalada cujo pico foi derrotar duas vezes o campeão brasileiro Vasco da Gama em 1974 e outras duas vezes o Palmeiras.

Esta epopéia completa 40 minutos. O Guarani Futebol Clube tem todos os motivos para festejar.

E Só Dérbi tem a obrigação de recordar tal façanha. Venha conosco!

Testemunha ocular de um trabalho vitorioso

Reserva do meio-campo, Gersinho fez história também nos bastidores do Guarani. Agora ele conta como o ambiente colaborou para a conquista do título

Reserva do setor de criação do time do Guarani no Campeonato Brasileiro de 1978, o ex-armador Gersinho virou um personagem da história.

Primeiramente por atuar vários anos ao lado do ex-Luiz Roberto Zini no aconselhamento para contratação de jogadores e auxílio nos diversos treinadores que passaram no Brinco de Ouro.

Posteriormente, como auxiliar técnico de Oswaldo Alvarez, o Vadão, Gersinho participou de duas campanhas exitosas, o vice-campeonato da Série B de 2009 e o segundo lugar do Paulistão de 2012, cuja lembrança mais forte é a vitória nas semifinais contra a Ponte Preta, jogo que ficou conhecido como "Dérbi do Século".

Mas a conquista de 1978 está guardada no coração. Nesta entrevista ele conta detalhes de bastidores e como a engrenagem funcionou tão bem até a conquista.

O papel das categorias de base

Tinha quase 40%, 50% do elenco vindo da base. Em cima disso, trazíamos jogadores que estavam fazendo sucesso no interior. Trouxemos jogadores como o Neneca que estava no Londrina, o



Gersinho está na história do Guarani

Gomes, o Edson e o Bozó do São Bento, Capitão veio do Comercial, Zenon que veio do Tubarão. Todos jogadores com sangue nos olhos que queriam jogar aqui e ir para um grande clube.

Comissão Técnica qualificada

O Carlos Alberto Silva era uma pessoa conhecida no interior, era um cara novo pegando um cara que estava saindo do futebol como o (Hélio)Maffia que era o preparador físico. Houve um casamento muito grande.

O papel dos dirigentes

Os próprios dirigentes tinham as diferenças entre eles, mas mostrando as coisas para o lado do bem. O Leonel tinha dado lugar ao Ricardo Chuf. A gente era uma família.

Nós beijávamos as mãos deles e os jogadores da base ficavam anos ali. Quando acordávamos de manhã cantávamos hino nacional, hino do Guarani e depois íamos

tomar café. Quando recebíamos o salário que era uma ajuda de custo, mandava para minha mãe. No Guarani tinha tudo, refeição, campo de treinamento, era uma família mesmo. A coisa era tão forte, que tinha um bandeirão do Castrão com o cozinheiro do Guarani. Até hoje temos esse encontro com todos juntos, com Pacheco, Edson...

As emoções no dia da grande final

Foi um dia sensacional. A gente estava no quarto, esperando a hora do jogo. Eu queria jogar porque o Zenon não ia fazer o último jogo (estava suspenso). O Carlos Alberto deixou um pouco na dúvida entre o Manguinha e eu. Eu fui o que mais joguei, o que mais me aproximei de todos os titulares em número de gols, então eu achava que era eu. Eu fiquei puto quando ele falou que era o Manguinha, mas hoje a gente entende que jogávamos pelo resultado e o Manguinha era mais defensivo.

Rezei um pai nosso, lembrei do meu pai, da minha mãe, da minha família. O grupo mereceu o título. O time era fantástico.

Expediente

Esta publicação é de Responsabilidade do Portal Só Dérbi.

Coordenador Editorial: Elias Aredes Junior (MTB 26850). Textos de Elias Aredes, Lucas Rossafa, Eduardo Martins e João Marcos Carneiro.

Site: www.soderbi.com.br

Fotos: Leticia Lima (Guarani Press), arquivo e Rodrigo Villalba.

“Nosso time era diferenciado”

O autor do gol do título contra o Palmeiras relata suas impressões da conquista e conta fatos pitorescos vividos no vestiário

Hoje cidadão do mundo, o cidadão Antonio de Oliveira não consegue apagar da memória os momentos vividos em 1978. O gol contra o Palmeiras, a provocação diante do goleiro Leão, o título aos 17 anos...Cenas que viraram uma trajetória com final feliz.

Careca foi campeão no São Paulo, Nápoli e no futebol japonês. Mas não esquece o Guarani. Nesta entrevista o Só Derbi ele mostra suas impressões a respeito de uma conquista que eternizou o seu nome.

Só Dérbi- Depois de 40 anos de tudo que você viveu no futebol ganhando título no Napoli, São Paulo. Aquela título de 1978 por um time do interior mostra que o futebol da época era mais democrático?

Careca- Mesmo naquela época existiam dificuldades para (times médio) ganhar no campo, por mais que tinha as tradições de times mais encorpados. Já tinha envolvimento de mais dinheiro, os times do interior sofriam, mas existia o respeito.

Eu vejo que o que conseguimos foi com organização com um time que sabia o que fazia dentro de campo. Foi um time diferenciado que foi coroado na reta final encantando e conseguindo um grande título.

Quando você começou a perceber que aquele time era diferenciado?

O dia a dia nosso era com um astral muito bacana. Um time alegre, descontraído, que se cobrava dentro e



Com seu gol, o garoto de 17 anos levou o Guarani ao olimpo

fora do campo. Um grupo muito fechado que reunia na segunda-feira para acertar alguns erros.

Íamos na casa do Zé Carlos nos reuníamos e nos cobravamos. Uma vez por mês era com toda a família.

Não imaginávamos que chegaríamos na final e íamos ganhar da forma que ganhamos. Mas estávamos confiantes. Teve alguns jogos que perdemos como contra o Remo. Mas ganhamos do Internacional na casa deles o que ajudou a gente a crescer e se fortalecer.

A imprensa campineira de modo geral acreditava por nos acompanhar mais de perto, mas a imprensa brasileira começou a focar um pouco mais no Guarani que estava sobrando em campo. O jogo contra o Internacional marcou bastante, mas contra o Goiás, em Goiânia, empatamos e depois tivemos uma sequência de vitórias. Contra o Internacional foi fundamental para a gente pisar um pouco mais forte no campeonato.

São 11 vitórias, talvez uma marca que jamais foi quebrada no futebol brasileiro. Você acha que dessas 11 vitórias, a grande atua-

ção do time foi contra o Vasco no Maracanã?

Foi, nós jogamos aqui e nesse jogo com 120 mil pagantes, existia torcida de Fluminense e Flamengo torcendo para a gente.

O Maracanã estava cheio. Nosso time era jovem e estávamos sobrando. O primeiro gol foi em uma grande jogada, fiz uma tabela com o Capitão e eu consegui tocar para o Zenon que soltou uma grande patada de fora da área. No segundo gol, fui atropelado e o Zenon acabou concluindo.

Enfim, era um jogo difícil por que a gente estava chegando na reta final, talvez despertava mais atenção dos adversários, mas o nosso time se movia com facilidade.

O Capitão era muito inteligente, pelo lado direito o Bozó como quarto homem, o Renato com liberdade para jogar nas costas dos laterais, assim como eu.

Tínhamos muitas variações, que estava dando certo. Foi uma bela vitória que nos deu mais confiança.

Você viveu quatro anos muito bons no Guarani. Foi campeão brasileiro, depois foi quarto colo-

cado na Libertadores, campeão da Taça de Prata, terceiro colocado no Campeonato Brasileiro de 1982. Depois foi para o São Paulo e a Itália. Você fez muito com pouco em um clube médio, depois foi para um grande como o São Paulo. Até que ponto isso ajudou a triunfar no Napoli?

Posso dizer que eu fui mais maduro, estava com 26 anos para 27 anos, estava com mais confiança, tranquilidade. Era outro mundo, outro futebol que para mim era o maior do mundo. Tinha uma vontade muito grande de vencer ao lado do Maradona, de marcar história como dupla. O Guarani me deu esse alicerce e confiança. No São Paulo eu carimbei esse passaporte para o mundo, fui muito bem no Mundial de 1986. Cheguei lá a vontade, com língua e alimentação diferente, com jogo diferente, mais competitivo e foi fantástico. Cheguei e não aconteceu o caso de bater e voltar, mas sim ficar por seis anos e só saí para ajudar o Campeonato Japonês a mudar sua história.

Para terminar, uma curiosidade: vocês jogadores se importavam ou tinham contato com o famoso Pai Guarantã?

Tinha, o Guarantã eu não sei como ele chegou, mas de vez em quando ia no vestiário, andava no ambiente e a gente respeitava. Eu sou católico, mas ele ia lá, jogava sal grosso e era muito bem-vindo não fazendo mal alguém.

Jogou sal grosso na chuteira?

Não, na verdade nós chegamos para o jogo contra o Vasco e não conseguíamos entrar no vestiário com o tanto de vela vermelha e azul que tinha.

Quando ele ficou sabendo, foi o primeiro a entrar e desfez tudo. É um cara do bem que não fazia mal nenhum e talvez nos dava uma proteção para que a gente não se machucasse.

Renato: “Jogar no Guarani foi a realização de um sonho”

O então garoto de Morungaba não tem receio em afirmar que o dia 13 de agosto de 1978 foi o ponto alto de sua carreira

Humildade e timidez são suas características. Quem vê o senhor de meia idade de olho nos garotos das categorias de base, não imagina que ele já vestiu a camisa do Guarani. E como vestiu bem!

Renato, hoje coordenador das categorias de base era o camisa 8 do time que assombrou e conquistou o Brasil.

Nesta conversa, ele exhibe suas impressões de um dia que está na sua lembrança há 40 anos. E não tem hora para sair.

Como uma cria da casa e revelado pelo clube, queria que você falasse primeiramente como foi a construção da sua carreira dentro do Guarani? Tive passagem rápida (nas categorias de base).

Foram 11 meses, sendo um lesionado, e logo ganhei oportunidade na equipe principal. O Guarani sempre foi grande celeiro de jogadores. Hoje, não revela mais, infelizmente, pois sempre fomos muito fortes nisso.

A última geração de destaque foi a do Amoroso. Agora, trabalhando como coordenador da base há três meses quero fazer um trabalho para revelar bons nomes.

Como surgiu a chance de vestir a camisa de titular do Guarani? E porque você acha que Carlos Alberto Silva deu tão certo no comando da equipe?

Eu cheguei ao Guarani em outubro de 1974, na categoria de juve-

nil, com 17 anos. Atuei dois amistosos e o técnico (Adaílton) Ladeira me passou para os juniores. Dispu-tei uma Copa SP em 1974, eliminado pelo Palmeiras.

Em 1975, fomos campeões estaduais da categoria e comecei a ter oportunidades em setembro daquela temporada no time de cima contra o Comercial de Campo Grande.

Tive estreia boa, fiz o primeiro gol do jogo, sofri a falta do segundo. Jogar no Guarani foi a realização de um sonho, um sonho de criança.

Quanto ao Carlos Alberto Silva ele chegou em 1978 e não era conhecido pois veio da Caldense. Nos amistosos, começou a montar a equipe que já sabemos a história.

Ele foi muito importante, teve uma pessoa importante ao seu lado, o Hélio Maffia, então preparador físico e de experiência enorme.

Ele tem muita importância importante naquele time. Foi para fora do país e comandou a Seleção Brasileira.

O que você aprendeu ao jogar ao lado de Zé Carlos, que era o volante e capitão da equipe?

Foi uma pessoa que respeitávamos muito. Ele conversava bastante conosco, no intervalo ou ao longo do jogo. Era líder, muito bom na visão de jogo, no modo de tratar os companheiros, extremamente humilde e com carreira maravilhosa no Cruzeiro.

Antes das semifinais (contra o Vasco), qual jogo você percebeu que o time poderia ir longe no Brasileirão?

Quando começou a terceira fase, mais exatamente naquele jogo contra o Internacional. Fomos recebidos no Sul com chacota, o famoso “ataque de risos”.

A comissão técnica usou muito bem isso, deu uma motivação enorme e ganhamos de três, mas pode-



Renato agora sonha com novas revelações nas categorias de base

ria ter sido mais. Empatamos com o Goiás e depois tivemos a sequência de 11 vitórias seguidas, um recorde até então no torneio. Para manter isso, tivemos o Zé Carlos, todas as vezes nos reuníamos em churrascos às segundas-feiras para conversarmos sobre o time.

Depois do título Brasileiro vocês chegaram em quarto lugar na Copa Libertadores? O que faltou para conquistar a América?

Fomos muito bem na primeira fase e nos classificamos em primeiro.

No grupo de três equipes, a tabela fez com que jogássemos dois jogos fora e decidir em casa. Atuamos contra o Palestino fora e empatamos e perdemos do Olímpia com ajuda da arbitragem.

O Neneca sofreu falta feia e não marcou nada. Isso complicou bastante. Se tivéssemos feito dois jogos em Campinas, poderia ter sido diferente.

Aquele Guarani de 1978 foi um dos três melhores times que você atuou na carreira? Por que?

Eu considero o título brasileiro de 1978 o maior da minha carreira, principalmente por ter sido por time do interior.

Tive grande fase pelo São Paulo, se tivesse vencido o Campeonato Brasileiro de 1981 em cima do Grêmio teria sido lembrado para sempre. No Brasil, o segundo colocado não é muito valorizado. Fui muito bem no Atlético-MG, foram três anos e meio em Belo Horizonte. Perdi para o Guarani em 1986 e 1987.

O que precisa acontecer para que uma equipe do interior seja campeã brasileira da primeira divisão outra vez?

Enquanto o Campeonato Brasileiro for por pontos corridos, não posso falar impossível, mas difícil. As cotas maiores vão aos times grandes, o interior não consegue montar elenco para ser campeão. Se voltar ao estilo de mata-mata, pode ser que volte a acontecer.

“Time de 1978 entrou para a história do futebol brasileiro”



Com passagens por Avaí, Corinthians e Atlético Mineiro, Zenon conquistou seu único título brasileiro com a camisa do Guarani

Camisa 10 dos campeões de 1978, Zenon relembra como o Guarani mudou a sua carreira e vida particular e profissional

Ele poderia fincar raízes em Santa Catarina. Ou circular pelas ruas de São Paulo, em que foi ídolo da democracia corinthiana.

Mas Zenon reside em Campinas e demonstra que o Guarani nunca saiu de seu radar. Não é para menos. Camisa 10 do time no Brasileirão de 1978, foi autor do gol decisivo na partida no Morumbi. Tomou o cartão amarelo e viu Manguinha ajudar seus companheiros. Pouco importa. Está eternizado. E sabe disso, como atesta nesta conversa com o Só Dérbi:

Como surgiu a chance de vestir a camisa de titular do Guarani? E porque você acha que Carlos Alberto Silva deu tão certo no comando da equipe?

Vestir a camisa do Guarani para mim significava muito por ser um grande clube do futebol paulista e tudo isso foi muito promissor para decolar. Esse assédio que ocorreu por parte do clube quando eu estava em Santa Catarina foi devido ao meu sucesso no Avaí. Apareceram muitos clubes e o Guarani foi o que apostou que daria certo, por isso ocorreu a negociação. Carlos Alberto Silva foi um técnico diferente da época, com um método de trabalho que nos ajudou muito. Ele foi um dos ótimos técnicos com quem eu trabalhei.

Muitos falam da final contra o Palmeiras e o gol de Careca? Mas quais as suas recordações a respeito da vitória sobre o

Vasco por 2 a 1 e com o Maracanã lotado?

Eu não diria que só essa partida contra o Vasco foi a maior recordação. Acredito que um dos jogos que deixou a maior confiança que poderíamos ir longe no campeonato foi contra o Internacional, no Beira-Rio. Aquele 3 a 0 foi um divisor de águas e ali começamos a competir com grandes clubes. Começamos a acreditar que poderíamos chegar na final.

Depois do título Brasileiro vocês chegaram em quarto lugar na Copa Libertadores? O que faltou para conquistar a América?

Nós fizemos uma boa Libertadores e no jogo contra o Olimpia, no Paraguai, estávamos empatando e eles fizeram um gol irregular que nos prejudicou para chegar na final da Libertadores. Fizemos uma campanha muito boa, eliminamos

Palmeiras e outros times. Esse gol foi crucial para sermos eliminados.

Aquele Guarani de 1978 foi um dos três melhores times que você atuou na carreira? Por que?

Foi um dos melhores. O time do Avaí era muito bom, o da democracia corinthiana também, e esse time do Guarani está nesse meio. Esse time de 1978 está na história do futebol brasileiro.

O que precisa acontecer para que uma equipe do interior seja campeã brasileira da primeira divisão outra vez? Ou você acha que é impossível?

Eu acho difícil acontecer um fato como o de 1978 de um time do interior ser campeão brasileiro. As cotas de televisão e os patrocínios geralmente buscam mais os times grandes do que os médios. A probabilidade de um time do interior não ser campeão é de 99.9%.

Capitão: “comemorei o título sozinho em um bar”

Sereno e disciplinado, Capitão revela que poucos tinham a dimensão de um título que virou histórico

O que é um jogador polivalente? O que ele pode fazer em prol da equipe? Como aparentes coadjuvantes transformam-se em protagonistas? A resposta está apenas em um nome: Capitão. Ponta direita do time campeão brasileiro em 1978, ele nunca esqueceu do que o Guarani lhe proporcionou e recorda neste papo com o Só Dérbi. Confira:

Só Dérbi- Como foi o processo de chegada ao Guarani?

Capitão- Eu pertencia ao Vasco e estava no XV de Piracicaba. Aí, em março, não sei precisar a data exata, mas uns dez dias antes do campeonato começar, fizemos um amistoso com o Guarani e os dirigentes me procuraram. Tanto é que nem joguei a primeira partida.

Como foi a adaptação e entrosamento do trio de frente?

No começo demorou para o time encaixar. O posicionamento mudava bastante. Só depois que o Careca entrou no time. Aos poucos as coisas foram se ajustando com o transcorrer com campeonato e o Carlos Alberto ajustou todo mundo.

Quando que vocês acreditaram que poderiam brigar pelas primeiras posições?

Foi um campeonato um tanto longo, com muitos clubes e várias fases. Conseguimos a classificação em quarto lugar, depois terceiro e quando a coisa foi chegando mais próximo, já foi em primeiro. O jogo que condicionou e colocou na nos-



Capitão preferiu comemorar de maneira isolada a conquista; bugrinos tomaram as ruas centrais

sa cabeça que poderíamos chegar mais longe foi o jogo do Inter em Porto Alegre.

Como o grupo encarou o episódio do “ataque de risos”?

Serviu como motivação. Era hora do almoço, com programa de esporte na TV.

O Carlos Alberto, inteligente como era, usou todos esses argumentos na palestra para motivar ainda mais. Para nós foi uma bomba, entramos no jogo com sangue nos olhos.

Qual a importância do dérbi para a campanha do título?

O dérbi foi logo no começo. Foi a afirmação do Careca, que no começo não era titular. Esse jogo serviu ainda mais para o Careca do que para os demais.

O restante da equipe era definida, com exceção ao Bozó e Macedo. O restante era aquilo mesmo, time completo. Serviu para definir o Careca como titular. **(veja os resultados na página 07)**

O Guarani de 78 foi o melhor time em que você jogou?

Dos times que joguei, esse foi o melhor time. Joguei no Vasco também, aquele time que eliminamos na semifinal, e era um super-time. Guarani era mais completo. Conseguiu fazer um futebol mais bonito, mais dinâmico, mais objetivo. Eu definiria como um time extraordinário, acima da média”.

Porque não houve festa do título?

É uma coisa até engraçada. A gente foi tomando força, acreditando que poderia chegar mais na frente quando chegou nas semifinais. Não existia, não passava na nossa cabeça que poderíamos ser campeões e isso foi até bom.

A gente foi com bastante humildade, jogando e acreditando que poderia chegar. A diretoria pensou a mesma coisa. Só acordou para o título no dia da decisão. Não tinha festa marcada com eles, nós não marcamos nada e quando acabou

o jogo cada um saiu para o seu canto.

O Renato foi para Morungaba, o Careca tinha família aqui, eu morava no clube. Eu fui para a rua e foi para um barzinho beber, sem ninguém, sozinho.

Não programamos nada, não sei se por receio de não ganhar. Não se faz como hoje que fecha uma boate, um restaurante, festa de três dias. Todos ficaram contentes, mas cada um para o seu canto”.

Qual legado você vê que o time de 1978 deixa para a equipe atual do Guarani?

São coisas diferentes. O futebol hoje é diferente do que se jogou lá atrás. Era mais técnico, time, sem menosprezar, tinha grandes jogadores, completo. Hoje a gente sente a dificuldade do Guarani. Acompanho, torço para voltar à divisão maior. Eles lutam pela falta de um grupo técnico. Hoje o jogo é mais pegado, bonito. É uma coisa mais mascada, pegada”

Números e fatos de uma campanha irreparável

Uma sequência de 11 vitórias seguidas e vitórias sobre gigantes do futebol brasileiro. Confira estes e outros fatos

Não existia otimismo exacerbado no início de 1978 pelos lados do Brinco de Ouro. Apesar da conquista do primeiro turno do Campeonato Paulista de 1976, o Guarani sabia que precisava recuperar terreno em relação ao seu rival, na época vice-campeão paulista após protagonizar uma final polêmica contra o Corinthians.

Nos bastidores, Ricardo Chuffi era o presidente e tinha Michel Abib como braço direito no futebol. Sabia que precisava fazer muito com pouco.

Ainda tinha que acalmar a frustração da torcida bugrina, na época de cara vira com Leonel Martins de Oliveira, desgastado por seis anos seguidos no poder e agora presidente do Conselho Deliberativo.

Tinha tudo para dar errado.

E deu certo de maneira deliciosa. Primeiro com a contratação de Carlos Alberto Silva, com boas campanhas pela Caldense.

Depois, a chegada de Zé Carlos deu a solidez aos garotos Renato e Careca.

Após a vitória contra o Internacional, ganhou-se a confiança necessária para a sequência de 11 vitórias seguidas e o título nacional.

Posteriormente, o mesmo elenco foi quarto lugar na Copa Libertadores e abriu passagem para a conquista da Taça de Prata em 1981 e um desempenho fora de série no Brasileirão de 1982.

Mas a Campanha de 1978 está eternizada. O título que abriu as portas para o Guarani virar um gigante de fato e de direito.

E que agora luta para retornar aos seus bons momentos.



A Campanha do Título Jogo a Jogo

- 26/03/78 - Guarani 1 X 3 Vasco
- 30/03/78 - Guarani 2 X 1 Bahia
- 06/04/78 - Guarani 2 X 0 CSA
- 09/04/78 - Vitória 0 X 0 Guarani
- 12/04/78 - CRB 1 X 1 Guarani -
- 16/04/78 - Sergipe 0 X 0 Guarani
- 20/04/78 - Guarani 5 X 0 Confiança
- 23/04/78 - Guarani 2 X 1 AAPP -
- 30/04/78 - Guarani 7 X 0 Itabuna
- 11/05/78 - Volta Redonda 2 X 0 Guarani
- 14/05/78 - Botafogo RJ 1 X 1 Guarani
- 21/05/78 - Guarani 1 X 1 S. Paulo
- 24/05/78 - Brasília 0 X 3 Guarani
- 28/05/78 - Remo 5 X 1 Guarani
- 04/06/78 - Guarani 3 X 0 Caxias
- 07/06/78 - Vasco 2 X 2 Guarani
- 13/06/78 - Portuguesa 2 X 0 Guarani
- 20/06/78 - Guarani 0 X 0 Coritiba
- 24/06/78 - Guarani 2 X 0 Villa Nova-MG
- 02/07/78 - Internacional 0 X 3 Guarani
- 05/07/78 - Goiás 1 X 1 Guarani
- 08/07/78 - Guarani 2 X 1 Santos
- 12/07/78 - Guarani 1 X 0 Botafogo-PB
- 16/07/78 - Guarani 3 X 0 Goytacaz
- 19/07/78 - Guarani 1 X 0 Botafogo-SP
- 23/07/78 - Londrina 0 X 1 Guarani
- 27/07/78 - Sport 0 X 2 Guarani
- 30/07/78 - Guarani 4 X 0 Sport
- 02/08/78 - Guarani 2 X 0 Vasco
- 06/08/78 - Vasco 1 X 2 Guarani
- 10/08/78 - Palmeiras 0 X 1 Guarani
- 13/08/78 - Guarani 1 X 0 Palmeiras

OS HERÓIS BUGRINOS DE 1978

Goleiros:

Neneca - João Roberto

Laterais Direitos:

Mauro - Alexandre

Laterais Esquerdos:

Miranda - Cuca - Tadeu

Zagueiros:

Gomes - Edson - Silveira - Odair

Volantes:

Zé Carlos - João Carlos

Armadores:

Zenon - Manguinha - Claudinho

Ponta de Lança:

Renato - Gersinho

Ponta Direita:

Capitão

Centroavantes

Careca
- Adriano - Antônio Carlos

Pontas Esquerda:

Bozó - Macedo

Ao mestre com carinho!

Presente nas lembranças dos torcedor, o professor de muitos craques entrou pela porta da frente na galeria dos heróis

Todo homem é responsável pela formação do seu legado. Sua obra e postura são eternizadas pelo tempo. Como deixar de tecer tal comentário ao falarmos de Carlos Alberto Silva?

Falecido em 20 de janeiro do ano passado, aos 77 anos, este mineiro de Bom Jardim de Minas, nascido em 14 de agosto de 1939 desembarcou em Campinas cercado de desconfiança.

Não era para menos. O Guarani não tinha recursos e nem craques renomados e seu currículo, cujo auge era passagem pela humilde Caldense não gerava otimismo exacerbado.

Aos poucos, utilizou o seu comando e seu conhecimento futebolístico em primeiro lugar para lutar pelos direitos dos jogadores, especialmente na questão de premiações. Posteriormente, deu total liberdade para Zé Carlos exercer a liderança tão necessária no grupo.

Com esta receita simples, mas longe de ser simplória, que o time ficou ofensivo, envolvente e construiu uma escalada que culminou com a conquista do título.

A partir daí, qualquer técnico que desembarcava no Brinco de Ouro tinha a sombra de Carlos Alberto Silva para lhe atormentar.

O primeiro retorno aconteceu em 1984 e o resultado foi a conquista da sexta colocação no Campeonato Paulista, disputado

por pontos corridos.

O giro pela Seleção Brasileira, a conquista da medalha de prata na Olimpíada de Seul e a estadia vitoriosa no Porto fizeram com que Carlos Alberto Silva se transformasse em um nome internacional.

Por isso, sua contratação foi festejada para a disputa do Campeonato Brasileiro de 1994. Ele não decepcionou. Lançou Amoroso, o centroavante Luizão e só parou nas semifinais diante da Máquina Palmeirense de Wanderley Luxemburgo.

Novo desembarque aconteceu em 1999. O clube vivia um caos político, José Luis Lourençetti era o novo presidente e havia a necessidade de dar um choque de credibilidade. Apesar das dificuldades, Carlos Alberto Silva levou o Guarani a oitava colocação. Parou nas oitavas de final, na série de três jogos com o Corinthians, que acabou campeão.

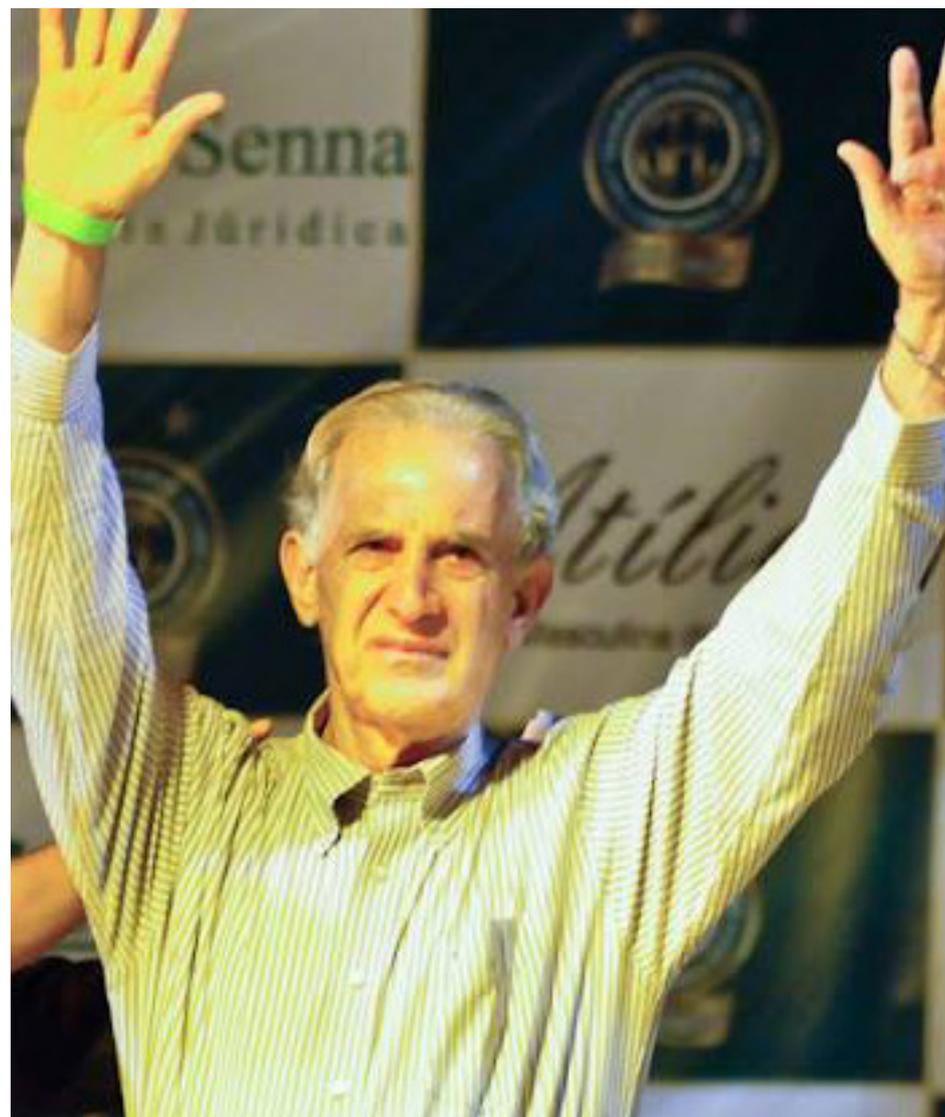
Sim, o técnico campeão de 1978 também foi vítima do espiral de incompetência que assola o Brinco de Ouro.

Foi o técnico do time rebaixado no Paulistão de 2001, após empate sem gols com a Portuguesa Santista.

Tudo isso ficou perdido no tempo. Tanto que a torcida fez vaquinha, juntou recursos e após o seu falecimento ergueu um busto em sua homenagem.

Nada mais justo. Para a torcida bugrina, pelo contexto histórico, Carlos Alberto Silva foi um revolucionário.

Tirei a equipe de um período de trevas e colocou uma luz que nunca, jamais vai se apagar. E ninguém esquecerá.



FICHA TÉCNICA DO JOGO HISTÓRICO

GUARANI - Neneca, Mauro, Gomes, Edson e Miranda; Zé Carlos, Renato e Manguinha; Capitão, Careca e Bozó.
Técnico: Carlos Alberto Silva.

PALMEIRAS - Gilmar, Rosemiro, Beto Fuscão (Jair Gonçalves), Alfredo e Pedrinho; Ivo, Toninho Vanusa e Jorge Mendonça; Sílvio, Escurinho e Nei. Técnico: Jorge Vieira.

Informações adicionais:

Data: 13 de agosto de 1978

Gol: Careca aos 36 minutos do primeiro tempo;

Renda: Cr\$ 1.706.280,00

Público: 28.287 (27.086 pagantes e 1.201 menores)

Juiz: José Roberto Wright